

# ASCENSÃO

**Pedro Serra\***

Demanda contumaz do pensamento e da sensação, no limite entre a acção e a graça, a “verdade do mundo” situa e mobiliza, indistinta, a “verdade” do sujeito. ‘Estar’, ‘sentir’ e ‘saber’ predicam, na primeira e última estrofes do poema “Ascensão” dispostas em quiasmo sugerindo a ‘fita de Möbius’, este modo de subjectivação com parâmetros algo difusos, porque não rasuram o trabalho do negativo na sua própria afirmação: estar “tão perto” sublinha proximidade e distância; sentir é sentir “contra mim”, que tanto pode dizer encosto como afecção contrária; enfim, ir “com ela” aponta um para movimento conjunto mas discreto, em paralelo.

Separado e imerso, o sujeito amalgama movimento e estase, isto é, *existe* – lat. *existere* –, modalidade de emergência entre o vazio e a plenitude. O sujeito, assim, é paradoxalmente categórico na afirmação de si – “sou” detona os três versos da terceira estrofe –, posto que também o indetermine, ao ser, a sua, uma fala negativa, como nos é devolvido pelos dois primeiros versos da segunda estrofe: “Tantas vezes falei negando sempre, / esgotando todas as negações possíveis”. Trata-se, pois, de esgotar e conduzir os “possíveis” negativos a um limite ou “cerco”. Reincide a anfibologia, pois o esgotamento e a condução de “todas as negações possíveis” ‘cercam’ a “verdade do mundo” ou são rodeadas pela “verdade do mundo” como ‘cerco’? Mais: essa verdade cercada ou cerco nega a negação ou a negação como totalidade cerca ou é o cerco da verdade? E mais ainda: a verdade é a negação?

O quarto verso da segunda estrofe – sétimo verso do conjunto, meio aritmético de um poema integrado por treze versos (não fora este verso apenso, o poema seria composto por quatro tercetos) – recorta a unidade temporal “hoje” que assinala o advento de uma diferença que supõe a

preterição daquela fala que ‘nega sempre’, da exautoração da totalidade das negações possíveis e do transporte da negação à verdade. Ao mesmo tempo, pela lógica deste processo, dada pelas figuras do ‘esgotamento’ e da ‘condução’, esse “hoje” não esclarece se o advento da diferença se deveu a esses modos de exercício ou se foi doada. O título do poema entroncará também aqui no problema da indistinção desta continuidade ou descontinuidade, pois por “ascensão” podemos entender tanto uma passagem de posição como um estado de situação. Enfim, é ainda no quarto verso da segunda estrofe que o sujeito expande a sua imagem – a sua imaginação.

Assim, nesse verso apenso, a imagem de si é a do formato “côncavo tão côncavo”, encadeando ainda, na seguinte estrofe – a terceira do poema – a seguinte enumeração de imagens: “inteiramente liso interiormente”, “um aquário dos mares” e “apenas um balão cheio”. As quatro imagens agrupam-se por pares. Por um lado, aquário e balão figuram o sujeito como superfície continente da “verdade do mundo”. De algum modo, a esfericidade de ambos – com grandezas diferenciadas, uma máxima outra mínima, mas dando imagem ao todo contido – tinha no “cerco da verdade” da segunda estrofe a sua prefiguração.

Por outro lado, provirá também daqui a fuga da imaginação que conjunta as figuras da ‘concavidade’ e da ‘lisura’. Ao contrário dos já mencionados aquário e balão – imagens do sujeito como superfície exterior da “verdade do mundo” –, o “côncavo” e o “liso” imaginam o interior dessa superfície contentora subjectiva. Lisura e concavidade (ambas puras pelo modo como são modalizadas, apresentando-se assim como formas abstractas) serão figuras dessa interioridade plena, tal como aquário e balão o seriam do todo. Analogias do sujeito, são-no na medida em que o sujeito emerge desse pleno vazio, desse todo nada que é o “cerco da verdade”: a verdade da negação. Enfim, um poema é negação como a morte é negação: estarmos perto da poesia e da morte, senti-las contra nós e sabermos que vamos com elas é, assim, ascender à “verdade do mundo”.

---

\* Professor Catedrático da Universidade de Salamanca, onde lecciona Literatura Portuguesa e Brasileira e é responsável pela Área de Filologia Galega e Portuguesa.